



O "HEARTLAND" MUÇULMANO(*)

Therezinha de Castro

Estudo geopolítico e geoestratégico mostra toda a complexidade do mundo islâmico ou muçulmano. Embora elaborado antes do recente acordo firmado entre Israel e a OLP, seus conceitos continuam válidos e ajudam a interpretar as dificuldades a serem vencidas para que a efetivação do acordo se torne duradoura.

"Os babilônios, assírios, caldeus, arameus e fenícios cujos antepassados tinham todos vivido na Península Arábica, tiveram sua época e desapareceram. Os árabes continuam. Acham-se hoje, como no passado, numa posição geográfica estratégica que serve de passagem a uma das grandes artérias de comércio mundial."

Philip K. Hitti

O espaço que o mundo islâmico ou muçulmano¹ ocupa, na encruzilhada dos três continentes do chamado mundo antigo, classifica-o

como *continente intermediário*. O mundo islâmico separa as regiões intertropicais e o ocidente temperado; todas as comunicações diretas entre a África Negra e o Extremo Oriente passam por países muçulmanos. A Segunda Guerra Mundial mostrou o *valor geoestratégico* desse "heartland", e foi através dele que transitou parte do abastecimento para o

* Selecionado pelo PADECEME

1. *Islã* é o infinitivo e *muslim* ou *muçulmano* o particípio, significando "entregar o rosto a Deus", ou seja voltar-se em adoração e prece para Alah.

volve todas as variedades de desertos e estepes: como os desertos quentes do Sahara e da Arábia, os atenuados mas de invernos rigorosos que, do Iran se estendem até a Rússia; como as estepes mediterrâneas da África do Norte e Oriente Médio complementadas pelas temperadas na Ásia russa.

A Arábia foi o núcleo gerador desse espaço islâmico. Constitui-se por um vasto planalto, entre o Mar Vermelho e Golfo Pérsico, onde o beduíno sempre representou, com o seu nomadismo, a melhor adaptação da vida no deserto. O ar seco, o solo salino e a ausência de rios perenes que alcançassem o mar, esse *ueds* transformaram seus vauas nas rotas das caravanas e peregrinações sagradas, que sempre buscaram a maior península do mundo (3.000.000 km²).

Do "Crescente Fértil" situado ao norte da Península Arábica, os árabes se expandiram para o Ocidente (Península Ibérica, França e Itália) e Oriente, chegando à Índia e China. Cem anos após a morte de Maomé,⁴ já eram senhores de um império maior que o romano no seu zenith.

No contacto medieval com comerciantes venezianos e genoveses, os árabes

levaram, do Oriente para o Ocidente, o zero, ensinando à Europa do século XII os algarismos arábicos, embora não tenham sido seus inventores. Troxeram, para os cristãos, a pólvora e a bússola, que, aperfeiçoadas, deram a força das armas de fogo e a certeza na direção no caminho das grandes navegações, que *mudariam a feição do mundo na área moderna*.

Em nome da fé, cristãos e muçulmanos iriam se enfrentar, mas foi dos *otomanos*,⁵ convertidos à sua crença, que o império árabe receberia o golpe de misericórdia.

No século XV, enquanto os cristãos europeus se dedicavam às conquistas dos mares, o islamismo começava a impor o seu poderio terrestre, com um governo fortemente centralizado, estabelecido na *Turquia*. Para a conquista da Europa Oriental, valeram-se da estratégica ponte territorial constituída pela Trácia, da qual partem as Penínsulas de Galípoli, no Egeu, e Istambul, no mar Negro. Ao contrário dos árabes, fecharam o Oriente ao Ocidente, decretaram o fim da hegemonia do Mediterrâneo, embora Constantinopla tenha se tornado um grande centro cultural. Império bastante débil não conseguiu realizar a fusão entre

4. Os muçulmanos ou islâmicos não apreciam o termo maometano, justificando através do paralelismo com o termo cristão, aplicado pelos que adoram o Cristo, afirmando que não adoram Maomé.

5. Deriva de Otman ou Osman (1259-1324), fundador do Estado despótico na Turquia.

cristãos vencidos e muçulmanos vencedores. Faltando a assimilação, os ódios de raça e de religião chegaram no Ocidente até a Hungria, mas tiveram que enfrentar as revoltas que começaram nos Balcãs, no século XIX.

Com o *desmembramento do Império Otomano*, após a Primeira Guerra Mundial, a unidade no meio islâmico tornava-se ainda mais impossível, por já englobar, além dos árabes e turcos, também os persas. Assim, além do Mundo Árabe subdividido em vários países, o espaço islâmico reunia dois núcleos não árabes — a *Turquia* e o *Iran*, além do enclave formado pelo *Estado de Israel* (1948, meio islâmico, dividido tanto no setor político quanto no religioso).

Há quem afirme ter Maomé previsto que sua comunidade haveria de se dividir em 73 seitas, dentre as quais apenas uma seria ortodoxa. No entanto, embora dividido em dois grupos teológicos — o *sunita* majoritário, e o *xilita* secessionista, congregando diferentes rituais filosóficos, o islamismo possui fiéis habitando de Singapura ao Arquipélago Indonésio, no sudeste asiático, quase às portas da Austrália; do Senegal ao Suriname, cruzando o Atlântico, de Madagascar ao Lesoto, na África, até os Balcãs, na Europa, para atingir a Mongólia e a própria China. Espaço Islâmico mas não Mundo Árabe, pois este, geograficamente, se encontra centrado na longitudinal Oriente Médio/África do Norte.

Cruzamento das vias de circulação terrestre entre dois mares, as regiões istmicas, os estreitos e golfos que envolvem o "heartland" muçulmano têm grande valor geoestratégico. Conseqüentemente, o *Estreito de Ormuz*, que une o Golfo Pérsico ao Índico, em suas larguras, que vão dos 38 aos 55 km, é considerado, nos dias de hoje pelo Ocidente, como sua própria "veia jugular".

A importância das vias de passagem entre o *Golfo Pérsico/Mediterrâneo* diminuiria com a construção do Canal de Suez. No entanto, posteriormente, a despeito do canal, tomaria novo impulso aquela passagem natural, quando a exploração do petróleo passou a exigir a construção de oleodutos. A região transformou-se num ponto vital para o capitalismo ocidental, pois a civilização do automóvel tornou-se dependente de exploração desse "ouro negro", abundante e barato.

Complementando o quadro geoestratégico desse "heartland", apresentam-se, como áreas importantes, as *bacias do Nilo, do Tigre-Eufrates e do Índus*, onde se instalaram aglomerações islâmicas, transformando-se em epicentros nevrálgicos. Nelas se defrontaram, no século XIX, francos/britânicos, britânicos/russos e russos/estadunidenses.

Impuseram-se, em conseqüência, na área, vários "expedientes da História", que trouxeram, para nossos dias, o dese-

jo do Iraque em anexar o Kuwait, o seu litoral desde a antiguidade histórica; a atração da Síria pelo Líbano; a recusa de Israel em abandonar a Cisjordânia; o desejo do povo palestino de ter a sua própria pátria. A tudo isso vindo juntar-se o sonho de um renascer otomano, com a Turquia, país emergente, posicionado onde a Ásia e Europa se encontram, substituindo o desejo de unificação islâmica já experimentado pelo Egito, e hoje batalhado pelo Iraque, Iran e Síria.

No epicentro nevrálgico do Golfo Pérsico, zona de escoamento da área mesopotâmica Tigre/Eufrates, se envolvem países cujos territórios participaram do "Crescente Fértil" da antiguidade, que ia da bacia do Nilo a do Índus. Em nossos dias, aí se impôs um Índico, como oceano de zona fragmentária, reunindo países subdesenvolvidos desde a costa oriental da África até o Sudeste Asiático. A partir de 1970, esse oceano passou a se firmar como zona marítima de grande importância, no momento em que interesses externos passavam a se fazer presentes, por ocasião da guerra indopaquistanesa (1971), árabe-israelense (1973), rompimento Iraque-Síria (1973), divisão do Iemen (1976), queda da monarquia Pahlevi e islamização do Iran (1978), invasão do Afeganistão (1979) e conflito Iran-Iraque (1980).

Coincidentemente, foi na zona geo-

estratégica que envolve o Golfo Pérsico que começaram a se chocar as políticas petrolíferas das grandes potências, antecedidas por ajustes financeiros de grupos econômicos interessados em empreendimentos ferroviários. Tal foi o objetivo da Estrada de Ferro de Bagdad, projetada pela Alemanha, destinada a ligação de Constantinopla ao Golfo Pérsico. Esta tinha, por finalidade, reduzir a distância do caminho marítimo para a Índia, tornando-o mais eficiente que as rotas pelo Cabo e, até mesmo, Suez, onde Londres tinha seus interesses. Era, pois, o germen do choque de interesses entre Alemanha e Inglaterra, que levou Lord Palmerston, em 1848, então secretário do exterior inglês a dizer: "Não temos aliados eternos nem inimigos perpétuos. Nossos interesses sim, são eternos."

Em 1980, quando o Iran foi invadido pelo Iraque, tudo levava a crer tratar-se da resolução de um conflito histórico pelo controle do Shat-el-Arab, canal formado na confluência do Tigre-Eufrates. Na ocasião, o Iran já se encontrava sob o regime do Aiatollah Komeini, e o Governo de Washington observava que a queda do Xá Reza Pahlevi pró-ocidente, estava levando Teheran para outros caminhos. Por isso, vendo que as coisas iam mal para Saddam Hussein em 1983, os Estados Unidos forneciam armas ao Iraque. Pouco depois, surgia a oportunidade de reatamento de relações Iran-Estados Unidos,

não tardando o resultado no chamado escândalo "Iran/Contra" envolvendo a venda de armas estadunidenses para o país do Aiatolah-Komeini.

Em 1988, a Guerra Iran/Iraque terminava praticamente num empate. Mas, as autoridades de Washington passavam a reprovar o Iraque pela morte de milhares de curdos⁶ a mando de Hussein, parecendo, por outro lado, aprovar, ou pelo menos não pretender se imiscuir, na crise que se esboçava entre o Iraque-Kuwait. Pelo menos foi o que deu a entender a embaixadora April Glaspie a Saddam Hussein, oito dias antes da invasão, não deixando dúvidas de que estava seguindo instruções de Washington. Posteriormente, em entrevista dada ao *The New York Times* (7 de janeiro de 1991), afirmou a diplomata que seu país demonstrava tranqüilidade no episódio, pensando que se tratasse apenas de território de fronteira; daí a conclusão: "Nós nunca esperamos que o Iraque tomasse todo o Kuwait".

A mobilização para a "Operação no Deserto", conseguida por Bush contra Hussein, demonstrou, sobretudo, que o petróleo e o posicionamento geográfico do Golfo Pérsico, foram as

vigas mestras desse conflito — conflito que, por sua vez, mostrou a alta tecnologia das nações, bem mais eficientes no teatro da guerra do que no momento de cimentar a paz. Em contrapartida, ainda a real consequência: a polarização da Guerra do Golfo desafiaria a solidez de alguns regimes árabes pró-ocidente e desvendaria a fraqueza de outros.

Na *coalizão anti-Iraque*, a geopolítica do confronto produziu uma aliança entre o *Egito-Síria-Arábia Saudita*, posicionados na guerra ao lado dos Estados Unidos.

Com a anexação do Kuwait, a *Arábia Saudita* não teve outro caminho que o da aliança com Washington, em defesa de seu próprio território, diretamente ameaçado. Arrastou consigo os *Emirados*, situados no lado arábico do Golfo Pérsico — Barhein, Oman, Katar e Emirados Árabes Unidos. Estes, seguem via de regra as deixas diplomáticas dos sauditas, pois são, na prática, minúsculas cidades-estado, funcionando bem mais como empresas comerciais dirigidas por mercadores nobres.

A *Síria*, cujo povo vem sendo condicionado a considerar sagrada a causa palestina, como seu vizinho Iraque, é também uma espécie de Estado policiado, com Hafez Assad no poder desde 1971. O principal problema desse país é o da falta d'água, que vem obrigando o governo a importar alimentos. Por outro lado, no final de 1989, envolveu-se numa crise com a Turquia, quando esta anunciou que represaria as águas do Eufrates

6. Os 3,5 milhões de curdos divididos em sub-grupos falam dialetos diferentes — alguns são muçulmanos, outros cristãos. Durante os 8 anos de guerra Iran/Iraque colocaram-se ao lado do Governo de Teheran; daí terem sido perseguidos após a guerra, com muitos mortos e cerca de 15 mil se refugiando no Iran e na Turquia.

para o lago de barragem Ataturk. Essa ameaça ainda se mantém e será executada, caso venha a se confirmar a posição do governo de Damasco aos separatistas curdos instalados na Turquia. Esse governo foi condenado pela Liga Árabe, por manter, desde 1976, tropas dentro do Líbano para fazer frente aos israelenses, o que é visto por alguns como *projeto para formar a "Grande Síria"*. No entanto, o desmoroamento da URSS, levou o Kremlin a comunicar, ao aliado Assad, que não poderia mais continuar a sustentar a paridade estratégico-militar com Israel. Donde a conclusão de que, ao reforçar a aliança contra o Iraque, a Síria demonstrava estar dando uma guinada pró-ocidente, mas só em termos. Isso porque os três objetivos principais do governo sírio são: *enfrentar Israel*, impedindo-o de se expandir em detrimento de territórios árabes; mostrar aos árabes que a paz só será possível diante de um *equilíbrio militar entre islâmicos e judeus*; e *projetar Damasco* na área controlando os palestinos, o Líbano e a Jordânia.

Já o *Egito* aderiu ao Ocidente, desiludido com as investidas frustradas em prol do pan-arabismo. Daí a aproximação com os judeus, pelos Acordos de Camp David, após três guerras contra Israel.

No contexto desse "heartland", a comunidade internacional não vem encontrando meios para uma solução

justa e duradoura no *conflito entre judeus e palestinos*. Todas as guerras e atentados aí registrados têm resultado numa triste confissão de fracassos. Todo país tem direito a fronteiras seguras e notório direito a sua existência; mas, nem Israel obtém garantias para sua coexistência, nem o povo consegue a sua pátria. Entre "dois fogos cruzados", o *Líbano* acabou perdendo parcialmente a sua independência diante de forças e influências externas.

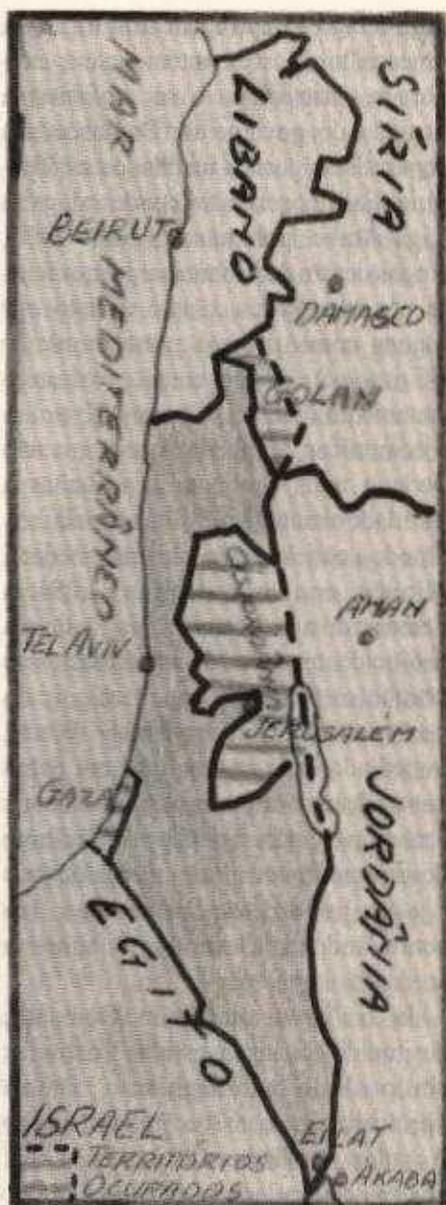
Por sua vez, imprensada entre o Iraque e Israel, a *Jordânia* prefere "nadar contra a maré". Sua situação é também delicada, pois mais da metade da população dentro de seu território é palestina. Pesa ainda mais no fato os Estados Unidos jamais terem agido no sentido efetivo para que se cumpram várias resoluções da ONU exigindo a saída de Israel dos territórios ocupados, notadamente da *Cisjordânia e Faixa de Gaza*.

O desejo do governo israelense em manter esses territórios, bem como as *Colinas de Golan*, como zona de segurança no Líbano, se liga a preocupação obsessiva com a segurança desse país cercado de inimigos por todos os lados. Em 1976, Israel tinha apenas 14 km (regulando com a ida e volta na Ponte Rio—Niterói) de largura em sua parte mais estreita. Anexando a Cisjordânia, distanciou-se em 55 km da Jordânia e passou a contar com um território, que por ser mais elevado, domina geoestrategicamente a região. Por isso, um Estado palestino que venha

a se estabelecer na Cisjordânia (região montanhosa da Judéia e Samaria) poderá promover uma coalizão de inimigos árabes, atuando a partir da frente oriental — risco que seria bem maior ainda com uma aliança que venha a envolver a Síria. Daí a importância de Golan, de onde é possível se atingir Damasco em cerca de meia hora na distância de 50 km, menor que a do Rio até Petrópolis. Dentro pois, do enfoque defensivo, as tensões crescem na razão inversa da pequena distância que separa as cidades israelenses das árabes: de Tel Aviv até Aman, capital da Jordânia são 150 km (distância do Rio até Nova Friburgo), e, de Tel Aviv até Damasco, capital da Síria os 200 km correspondem a uma viagem do Rio até Cabo Frio. (Mapa 2).

O problema palestino pode levar os governos locais pró-ocidente a perderem a legitimidade diante do *fundamentalismo islâmico*. De seu exílio, nos Estados Unidos, o sheik cego Omar Abdel Ahman comanda a Assembléia Islâmica, inimiga de Osni Mubarak, no governo do Cairo. Assim, no Egito, agem grupos radicais fundamentalistas, sendo o *Jihad*, um dos mais atuantes, com o assassinato do presidente Anuar Saddat (1981) e o de Rifaat Maghoub, presidente da Assembléia Nacional em 1990.

Para se autoprotoger, o Egito procura apoiar-se numa frente comum com o Kuwait, Arábia Saudita, Oman Bahrein,



MAPA 2

Katar e Emirados Árabes, e fazer face ao fundamentalismo,⁷ enquanto os Estados Unidos, para anular os "mulás", financiadores desses grupos terroristas, usam todos os poderes de barganha para isolar o Iran e mantê-lo cercado por vizinhos hostís.

Mas, nessa área de interesses eternos, o Iraque tem sua força estribada no sistema que desafia os Estados Unidos. Há mais de vinte anos, o Partido Baath está no poder com os sunistas ocupando os mais altos cargos, liderados por Hussein. Não escapa também dos fundamentalistas, já que os xiitas são em número superior entre a população do Iraque.⁸ Em contrapartida, a instabilidade iraquiana se liga ainda ao separatismo curdo no norte; muito embora a questão do Curdistão seja "pedra no sapato" do Iraque, mas também do Iran e da Turquia.

7. Estes, em geral são xiitas, em oposição aos sunistas. Devendo-se ressaltar, no entanto, que ao lado dos radicais xiitas desejando a imposição de um modelo islâmico a partir do poder, também se encontram os moderados, defensores das negociações e participação em eleições.

8. O sul do Iraque é o berço da seita xiita a que pertencem 45% dos iraquianos; o mais atuante entre os grupos xiitas é o Dawa, fundado em 1968, duramente reprimido pelo governo de Bagdad, com vários líderes militantes executados. Por isso, finda a Guerra do Golfo, em 1991, a ONU estabeleceu duas zonas de "exclusão aérea" no Iraque, patrulhada por aviões aliados; a do norte para proteger a minoria curda, a do sul para os xiitas.

É incontestável que os fundamentalistas vêm ganhando terreno no "heartland" muçulmano. O grupo Hamas, na Cisjordânia e Gaza, rejeita a coexistência com Israel, conquistando simpatias dentro da OLP (Organização para a Libertação da Palestina), enquanto na Turquia, o Partido do Bem-Estar Social se envolve com o terrorismo, tal como a Irmandade Muçulmana na Síria, posta fora de lei e reprimida desde 1980, estendendo-se o movimento para o Líbano, onde os xiitas do Hesbollah, apoiado pelo Iran e o Amal, ligado a Síria, se rivalizavam, com o primeiro ganhando terreno.

No Sudão, o governo militar chegado ao poder em 1989, mostra-se cada vez mais dominado pela Frente Islâmica Nacional, de ligações com o Iran. A situação causou reação nas três províncias no sul do país, que são cristãs, em favor do separatismo, quando, em 1990, foi posto em prática o código penal, a Chária, baseado no direito islâmico. O Sudão, a beira do Mar Vermelho, é sem dúvida excelente ponto de apoio para o fundamentalismo, pois se posiciona na geoestratégica encruzilhada do mundo árabe-muçulmano com a África Negra islamizada.

O projeto acalentado pelo Iran no Sudão de formar a Internacional Islâmica, cria certo temor no Ocidente, já que as jovens repúblicas muçulmanas da CEI (Azerbaijão, Kazaquistão, Turcomenistão, Usbequistão, Tadjic

quistão e Kirguísia), são clientes potências dessa pregação revolucionária.

Busca o Iran, junto às repúblicas da CEI, fugir do isolamento diplomático imposto pelo Ocidente, aumentando sua influência regional. Foi essa a razão principal para a *formação do ECO* (Organização de Cooperação Econômica), através da qual o Iran uniu-se à Turquia, Paquistão e as seis repúblicas da CEI. A religião comum foi o grande passo para essa Organização que troca de tudo, desde o petróleo até a assessoria técnica, para favorecer a essas frágeis repúblicas.

Do grupo, o único Estado com poder de barganha é o *Kasaquistão*, detentor do arsenal atômico da extinta URSS, e a *Base de Baikonur*, para lançamento de foguetes e satélites do *Programa Aeroespacial do Kremlin*. Deve-se levar em conta que *o relacionamento de Alma-Atá, capital do Kasaquistão, com Moscou, não é das mais seguras*. Esta república, maior que toda a Europa Ocidental, foi sempre usada, pelos dirigentes comunistas, para campo de testes nucleares, em Semipalatinsk, indústrias poluentes, projetos que descaracterizaram o Mar de Aral,⁹ e ainda como depósito para pessoas indesejáveis.

Da década dos 30 até a Segunda Guerra Mundial, Stalin mandou para o

Kasaquistão os *Kulaks*, considerados camponeses ricos e, por isso, despojados de suas terras, e ainda presos de todas as nacionalidades acusados de traição ao regime. Alexander Soljenitsin passou vários anos aí, e, em seu romance "O Arquipélago Gulag", conta que, em cidades como Karaganga, um antigo prisioneiro "não podia andar pelas ruas sem encontrar velhos conhecidos". Foi pois essa república, uma das regiões da antiga URSS mais descaracterizadas culturalmente, trazendo-lhes como conseqüência a *falta de unidade*. Por isso, além do *Alash*, defendendo a criação de uma república islâmica independente da CEI, o *Azat* (Liberdade), abrigando nacionalistas do sul, luta pelo renascimento da língua kasaque, para que se restaure a cultura local.

Ainda no conjunto das repúblicas islâmicas da CEI, enquanto o *Usbequistão* e o *Turcmenistão* são totalmente dependentes das redes de transporte da Rússia para suas importações e exportações, a *Kirguísia* e o *Tadjiquistão* tentam se valer de suas respectivas fronteiras com a China para criar novas rotas de comércio. Daí o posicionamento secessionista do Tadjiquistão, com os do norte controlando o governo, e os fundamentalistas do sul tentando, pela força, chegar ao poder.

Complementa a situação, o descontentamento para com Moscou, que vem se mostrando incapaz em resolver os *conflitos entre o Ajerbadjão e a Armênia*, do outro lado do Cáspio. O

9. Suas águas foram desviadas para drenar plantações de algodão, reduzindo-o em boa parte a um mero leito seco de areia.

primeiro reivindica o Natchiveran, enclave islâmico na Armênia, enquanto esta pleiteia o Nagorno-Karabakh, território cristão dentro do Azerbaidjão.

Em face da situação controversa, o *Iran vem procurando atrair seus "primos" no Tadjiquistão e Usbequistão*, que falam o persa ou versão deste, estando a *Turquia a postos também com relação a seus "primos" — Turcmenistão, Kasaquistão e Kirguísia*, cujas línguas têm uma origem comum com o turco atual. Nesse último caso, fala-se até em criar *um novo Turquestão*, reunindo o Kasaquistão com todas as repúblicas de fala turca da Ásia Central.

Observando-se no contexto que, diante da ausência de Moscou, o Iran e a Turquia¹⁰ procuram se envolver nesse vasto espaço por ordenar, com escasso desenvolvimento político e quase nenhuma memória — Vasto espaço onde se defrontam o governo de Ancara com mescla de islamismo moderado e economia ocidentalizada de um lado, enquanto do outro, o governo de Teheran, mantendo-se na velha luta pela conquista dos seguidores de Maomé que não sabem traçar a linha divisória entre a política e a religião.

Por enquanto, ainda reticente com os "primos" da CEI, o Iran age, com maior

desenvoltura no Sudão, enviando para esse país africano cerca de 2 mil guerrilheiros — *os "pasdaram"*, traduzindo-se por combatentes, cuja missão é a de fundar as guardas revolucionárias nacionais. Assim, o Sudão, país tribal, onde grassa a fome, vê acelerar-se a tendência radicalista da Junta Militar, treinando seus ativistas para massacrar não só os opositores, mas também animistas negros e cristãos.

A luta fundamentalista se estende ao *Afganistão*, país interior, como o Iran, limitando-se com as repúblicas islâmicas da CEI. Aí, o cáos reflete o "fogo cruzado" do eixo Leste/Oeste da "Guerra Fria", que ocasionou os dez anos de intervenção soviética (1979-89). Por isso, atualmente, grupos xiitas procuram impor uma rigorosa república islâmica para substituir o antigo regime de Kabul, apoiado pela desfeita URSS. No confronto, a sociedade tribal, vivendo da agricultura e do pastoreio, vem sofrendo, desde 1979, pois os mujahedins, ou rebeldes, que se opunham à invasão do Kremlin, eram armados pelos Estados Unidos.

No Afganistão e outras plagas asiáticas, a grande realidade é que *o islamismo resistiu ao rolo compressor do comunismo* imposto pelo Kremlin, tudo levando a crer que se manteve intacto, sobretudo em seus traços mais arcaicos, por mais de meio século, numa espécie de congelador.

10. Da autora vide: "A Aliança do Mar Negro" — A Defesa Nacional nº 759 — Ano 1993.

Na outra extremidade desse conturbado "heartland", os governos do Magreb — Marrocos, Tunísia e Argélia, se envolvem em autênticos atos de equilíbrio para apoiar o Ocidente, pois a Líbia vem agindo como se a "Guerra Fria" não tenha acabado.

No Marrocos, os grupos "Justiça e Bem-Estar Social" ao lado da "Juventude Islâmica", com dissoluções ordenadas em 1991, vêm tendo papel de importância nos protestos contra o governo.

Na Tunísia, os membros do Partido Nahda (Renascimento), considerado ilegal, vêm sendo combatidos desde 1990 após a descoberta, pela polícia, de supostos planos para uma revolução islâmica, enquanto, na Argélia, a FIS (Frente Islâmica de Salvação) reagiu violentamente contra a suspensão para o segundo turno das eleições convocadas para o país, a primeira após 30 anos de independência. É que, tendo obtido 49% dos votos, o fundamentalismo viu ruir por terra a sua vitória, ante a ilegalidade no processo eleitoral de março de 1992, observando-se, que a Argélia não descarta o risco dos fundamentalistas se infiltrarem no exército, provocando a guerra civil.

Acreditam os fundamentalistas que, se o povo se sujeitar aos modelos mais puros do islamismo em matéria de pensamento, educação e costumes, a pobreza vai desaparecer, conseguindo então os árabes formarem um vasto

império, impondo-se nessa área de autêntico "heartland" muçulmano. Os que pensam assim descendem, espiritualmente, do professor egípcio Hassan Banna, o fundador da Irmandade Muçulmana, em 1928.

O fundamentalismo não admite distinção entre a religião e a política — o Corão é o orientador do governo, e não as Constituições tão ao estilo ocidental, que os governos árabes adotam em tese, mas ignoram na prática. Coube ao islamismo criado por Maomé fundamentar o Estado para acabar com a fragmentação da vida tribal dos árabes, que punha em risco o comércio do qual tanto necessitavam. Conseqüentemente, a figura do guia espiritual, os *aiatollahs*, se confunde com a do chefe político, quase sempre legitimado no poder.

Tudo se resume na tendência a um governo forte, pois, no momento em que a religião domina a política, não sobram espaços para divergências. Essencialmente totalitários, os fundamentalistas, mesmo não estando no poder na maioria dos Estados islâmicos, vêm conseguindo retardar o desenvolvimento, dividindo a sociedade, levando uma parte a impedir o avanço da tecnologia e, conseqüente, a entrada no mundo ocidentalizado.

De um modo geral, o fundamentalismo vem conseguindo maior número de adeptos no meio da população não só fanaticamente devota, como analfabeta em sua maioria. No entanto, dois grandes fatores concorrem para que seja

arrebanhada parte da classe média e intelectualizados. O primeiro se atem ao fato de os Estados Unidos estarem ao lado de Israel. O segundo é pelo fato de a "Guerra Fria" haver mostrado a capitulação do comunismo e a corrupção do capitalismo. Em conseqüência, as divergências nesse "heartland" colocam os líderes muçulmanos diante de duplo dilema: quando se aproximam do Ocidente acabam punidos por seu próprio povo, que se alia ao fundamentalismo; quando se afastam, são castigados com embargos econômicos e isolamentos políticos e, por vezes, até militarmente, pelas potências ocidentais.

Dentro do fatalismo... a verdade: graças ao petróleo os islâmicos descobriram que podem jogar com os destinos do Mundo. O petróleo existe, segundo os fundamentalistas, porque "Alah assim o quis". Mas "estava escrito" que esse petróleo de mais fácil e barata exploração iria ser encontrado em áreas fitogeomórficas difíceis. Onde o vaticínio errôneo de Ibne Khaldum, no século XIV, dizendo que esse "heartland" seria sempre clandestino — Graças à sua pobreza e aridez jamais iria atrair ambições. As ambições foram atraídas, pois em 1990, 65,7% das reservas mundiais de petróleo se encontravam nas mãos de países do Golfo Pérsico. Sabendo-se, que ao se iniciar o próximo século, com o esgotamento de jazidas em outras partes do Mundo, estarão no "heartland" muçulmano quase 85% desses recursos. Em face do atual e dos prognósticos, essa região conflituosa transformou-se

na que mais depende de verbas para o seu armamento.

O islamismo surgiu e se impôs entre as grandes religiões monoteístas. Foi a que mais se expandiu, até que o petróleo pusesse fim à invulnerabilidade prevista por Ibne Khaldum. Eis aí o fatalismo na verdade da dinâmica geopolítica. O petróleo e o posicionamento desse "heartland" são as vigas mestras desse conflito eterno.

Voltando a Lord Palmerston vemos que os islâmicos "não têm aliados eternos, nem inimigos perpétuos". Ao se iniciar a Guerra do Golfo, na prática, simpatizavam bem mais com o Iraque, o desafiante do imperialismo ocidental. Mas, como "seus interesses são eternos", modificaram a relação, pensando na sua própria sobrevivência. Amanhã... quem sabe? Numa redistribuição de interesses poderão mudar.

BIBLIOGRAFIA

D.S.Margolouth - "Islamismo" - Editorial Labor S.A. - Barcelona, 1929.

- Alphonse Gouilly - L'Islam devant le Monde Moderne" La Nouvelle Édition - Paris, 1945.

Philip K.Hitti - "Os Árabes - Companhia Editora Nacional - S.Paulo, 1948.

Virgílio de Carvalho - "O Golfo e o Futuro (Conseqüências da Crise do Golfo para a Nova Ordem Internacional)" - Difusão Editorial Ltda. - Lisboa, 1991.

"L'Annee Strategique" - Editions Maritimes/D'Outre-Mer - Paris, 1985.

"O Mundo Hoje/93 - Anuário Econômico e Geopolítico Mundial" - Editora Ensaio - S.Paulo, 1993.



THEREZINHA DE CASTRO — Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Conferencista de Geopolítica na ECEME e ECEMAR. Professora de História do Colégio Pedro II. Entre suas obras destacam-se: "Rumo à Antártica", "Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil", "Geopolítica: Princípios, Meios e Fins" e outras.

Reparando bem a Renave é a maior.



Há muito tempo a Renave conquistou o primeiro lugar como maior estaleiro especializado em reparos navais da América Latina, na área da iniciativa privada. Criando e desenvolvendo novos métodos de trabalho, a Renave visa sempre uma maior racionalização de serviços e elevação dos níveis de produtividade. Por isso vem conseguindo uma expressiva redução dos prazos e dos custos de seus serviços.

RENAVE — EMPRESA BRASILEIRA DE REPAROS NAVAIS S.A.

PRACA PIO X, 15 - 10º ANDAR - CENTRO
RIO DE JANEIRO - RJ - TELES. (021) 263-5311
263-6614 / 263-8061 - FAX: (021) 263-5092
TELEX: (121) 21993 FBRN BR



RENAVE

em reparos navais, o maior é também o melhor.

ESTALEIRO: ILHA DO VIANA - NITERÓI, RJ